

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

**Democracia também
precisa suportar
dúvidas e críticas » 2**



CULTURA

**De que Brasil somos
feitos? Arte e design
mostram a resposta » 4**



DIVULGAÇÃO

Do medo à confiança, cães ganham um novo começo

Em Vitória, 30 animais passam por treinamento de ressocialização para superar marcas do abandono, mudar de comportamento e ganhar chance de adoção » 3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



DARTAGNAN DA SILVA ZANELA

A sutil e perigosa linha da galhofa

O filósofo Cornelius Castoriadis dizia que a crença expressa pelas sociedades democráticas no poder do sufrágio universal seria similar à crença dos católicos na presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento.

Ao lermos essas palavras do referido filósofo, podemos ficar um tanto aturdidos com o seu viés anarquista e um tanto anticlerical; porém, suas observações são, no meu entender, de grande relevância para melhor compreendermos os assim chamados “ataques à democracia”.

Dito isso, vem comigo: como todos nós sabemos, há muitíssimos casos de transubstanciação eucarística que foram cuidadosamente documentados, e o foram porque, antes de qualquer coisa, são submetidos a uma rigorosa série de exames. Aliás, este é o procedimento adotado pela Santa Sé quando o assunto são milagres. Trocando em miú-

dos, esse babado é levado muitíssimo a sério.

Agora, quando o assunto é a expressão cristalina da vontade popular através do sufrágio universal, nós podemos colocá-lo à prova? Podemos colocar em dúvida o poder dos votos dos cidadãos? Eis aí uma pergunta que há séculos é examinada por inúmeros filósofos, a partir dos mais variados prismas e pontos de vista.

Mas por que cargas d'água tantos filósofos questionaram — e questionam — a segurança da democracia? Ora, meu caro Watson, porque não são poucas as pontas soltas apresentadas pela história dos experimentos democráticos, e muitos são os des-

caminhos trilhados por tais experimentos; por isso, tais questionamentos não representam uma ameaça ao “Estado Democrático de Direito” — muito pelo contrário, eles são de fundamental importância para o seu aprimoramento.

Lembre-mos: nenhuma instituição humana se fortalece se for mantida imune ao exame, em uma bolha asséptica.

De mais a mais, todo aquele que tem um conhecimento minimamente razoável sobre a história sabe muitíssimo bem que o questionamento é a principal ferramenta desenvolvida pela humanidade para o aprimoramento dos indivíduos e

das instituições edificadas por nossas mãos através dos séculos. Se não houvesse dúvidas (que em sua época eram consideradas indevidas e inapropriadas), talvez não tivéssemos nos tornado uma nação independente — e mais ou menos soberana —, não é mesmo? Ou, quem sabe, as ditaduras que assombram a história republicana brasileira poderiam ter durado muito mais tempo.

Enfim, por essas e outras que, como nos lembra Sócrates, uma vida que não se permite ser examinada é uma vida indigna de ser vivida; e isso, caríssimo, vale também para as obras, ações e instituições humanas.

Se não levantarmos dúvidas sobre as nossas instituições e a respeito de nós mesmos, e se virmos a mera possibilidade de crítica como um ataque, uma ameaça ou algo que o valha, é sinal de que algo morreu em nossa alma. E que, com o tempo, levará à bancarrota tudo aquilo de mais elevado que foi forjado por mãos humanas através dos séculos.

E, como diria Stanislaw Ponte Preta, é bom ultrapassarmos de tempos em tempos a sutil e perigosa linha da galhofa, porque tudo aquilo que não pode ser satirizado, definitivamente, não merece ser levado a sério — nem um pouco.

Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>
Impresso e digital diários

Contato:

**bianca@eshoje.com.br/
27 99744-6251**

 **ESHOJE**
ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

 **ESHOJE**
ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
PH Caetano
Pedro Rocha

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 /eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Cães vítimas de maus-tratos voltam a confiar

Ressocialização ajuda animais abandonados a superar traumas e encontrar uma família

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

Durante muito tempo, entrar na baía de Gaia era uma operação que exigia cuidado. A cadela não aceitava o toque, não permitia que colocassem uma guia e reagia à aproximação dos profissionais. Até tarefas básicas, como limpar o espaço, trocar a água ou oferecer alimentação, precisavam ser feitas com atenção redobrada.

Dez meses depois de chegar ao acolhimento, a rotina é outra. Gaia aceita carinho, caminha na guia e permite que os tratadores entrem em seu espaço e a conduzam. Ainda existem limites, mas o comportamento defensivo começa a dar lugar à confiança.

A história dela ajuda a mostrar uma parte do resgate de animais que nem sempre termina quando as feridas físicas cicatrizam. Cães vítimas de abandono, maus-tratos ou outras experiências negativas podem carregar marcas no comportamento, demonstradas pelo medo da aproximação, ansiedade ou dificuldade de convivência.

Em Vitória, 30 cães acolhidos pelo município passam atualmente por atividades de adestramento e ressocialização. Desenvolvido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semmam), o trabalho busca recuperar animais com alterações comportamentais e prepará-los para uma futura adoção.

Gaia é uma cadela sem raça defi-

nida, com características de pitbull, e idade estimada entre quatro e cinco anos. Segundo a equipe responsável por seu acompanhamento, ela chegou ao acolhimento com comportamento reativo após ter sofrido uma agressão do antigo tutor.

MUITO ALÉM DOS COMANDOS

Ensinar a sentar, caminhar na guia ou obedecer a uma ordem está longe de resumir o processo. A ressocialização busca entender o histórico de cada animal, identificar situações que provocam medo ou reações defensivas e reduzir níveis de estresse e ansiedade.

“Estamos falando de comportamento, de reduzir o estresse e a ansiedade, melhorar a comunicação entre o animal e as pessoas e, principalmente, preparar esses cães para uma convivência mais equilibrada e para uma adoção responsável”, explica Katiuscia Oliveira, gerente de Bem-Estar Animal.

Segundo ela, animais acolhidos chegam com histórias diferentes e, por isso, não existe uma fórmula única para a recuperação.

“São animais que chegam após situações de abandono, maus-tratos ou experiências que deixaram marcas em seu comportamento. Por isso, o objetivo não é simplesmente cobrar obediência. É preciso compreender cada animal, identificar suas necessidades e trabalhar de forma técnica e individualizada”, afirma.

O médico-veterinário Marcelo Carvalho destaca que a melhora comportamental também interfere diretamente na qualidade de vida do animal e na possibilidade de encontrar uma nova família.

“Quando conseguimos reduzir o estresse e a ansiedade, melhoramos também o manejo, a interação com as pessoas e o próprio comportamento do cão. Isso faz com que ele esteja mais preparado para conviver em um ambiente familiar e aumentar suas possibilidades de adoção.”



Gaia recupera, aos poucos, a confiança e a segurança durante o processo de ressocialização

A família certa no tempo certo

A RESSOCIALIZAÇÃO também permite que os profissionais conheçam melhor os limites e as necessidades de cada cão. Essas informações ajudam a identificar qual tipo de família e ambiente são mais adequados para ele e podem reduzir o risco de uma adoção malsucedida ou de uma posterior devolução.

Um animal que não permite aproximação ou apresenta dificuldades importantes de interação, por exemplo, tende a encontrar mais obstáculos para ser adotado. Ao trabalhar esses comportamentos, a equipe busca ampliar as possibili-

dades de convivência fora do acolhimento.

“Não se trata apenas de ensinar um cão a se comportar, mas de criar condições para que ele tenha uma nova vida em família”, resume Marcelo.

O trabalho também chama atenção para animais que carregam, além das marcas de experiências anteriores, o preconceito associado à aparência. É o caso de Gaia.

Marcelo ressalta que características de uma raça, isoladamente, não permitem determinar se um cão será ou não agressivo. O comportamento é

resultado de diferentes fatores, entre eles genética, socialização, ambiente, experiências vividas e manejo.

“Quando falamos de cães fortes, precisamos considerar o potencial físico daquele animal e trabalhar sempre com responsabilidade. Mas força física não pode ser confundida com uma sentença de agressividade”, explica.

No caso de Gaia, atribuir sua reação defensiva apenas às características de pitbull significaria ignorar a agressão sofrida anteriormente e a possibilidade de modificar aquele comportamento.

Acolhimento é caminho, não fim

A RECUPERAÇÃO comportamental tem ainda outro objetivo: reduzir o tempo de permanência dos cães nos espaços de acolhimento. Embora esses locais garantam proteção, alimentação e atendimento veterinário, são pensados como uma etapa temporária.

Quando um animal é adotado, além de ganhar a possibili-

dade de viver em uma casa, abre espaço para que outro cão em situação de vulnerabilidade possa ser acolhido.

Abandono e maus-tratos também são crimes. A Lei Federal nº 9.605/1998 criminaliza atos de abuso e maus-tratos contra animais. No caso de cães e gatos, a Lei nº 14.064/2020 prevê pena de dois a cinco anos

de reclusão, além de multa e proibição da guarda.

Em Vitória, o abandono também é proibido pela Lei Municipal nº 8.121/2011. As denúncias podem ser feitas pelo Fala Vitória 156 ou pelos canais oficiais do Bem-Estar Animal.

Gaia, por enquanto, continua esperando. A família que adotá-la precisará compreender seu

histórico, respeitar seus limites e dar continuidade ao processo iniciado no acolhimento.

A cadela que antes não permitia que alguém se aproximasse hoje aceita uma mão estendida, passeia de guia e convive com os profissionais que cuidam dela. O próximo aprendizado talvez seja o mais importante: descobrir como é ter uma casa.



“Força física não pode ser confundida com sentença de agressividade”

MARCELO CARVALHO, veterinário

Mostra Brasilina reúne arte e design no SESI

Com curadoria de Isabela Castello, exposição propõe reflexão sobre a identidade do país

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

A diversidade cultural, ambiental e social do país orienta a exposição “Brasilina, Poéticas de uma Nação Mãria”, em cartaz na Galeria do Centro Cultural Sesi, em Jardim da Penha, Vitória. Realizada pela Decoranea e pelo ICOMUM Coletivo, a mostra reúne trabalhos de 32 artistas e designers brasileiros, com visita gratuita até 30 de setembro.

Idealizada por Isabela Castello e Fernando Nicolau, com curadoria de Isabela e Isabel Portella, a exposição adota como metáfora a brasilina — substância do pau-brasil que gera o pigmento vermelho. O conceito se relaciona às marcas históricas e transformações do país.

Organizada nos eixos Identidade, Natureza e Sociedade, a mostra articula diferentes linguagens e técnicas, destacando o conceito de “nação mãria” e a força da ancestralidade. A seguir, Isabela Castello detalha o projeto.

ES Hoje: Como a imagem da brasilina orientou a concepção da exposição?

Isabela Castello: A brasilina foi o ponto de partida simbólico e conceitual da exposição. É uma substância encontrada no interior do pau-brasil que, ao reagir com o ar e a luz, dá origem à brasileína, um pigmento vermelho intenso, cor de brasa. Essa transformação nos interessou muito porque carrega, ao mesmo tem-



“O que nos interessa são os muitos Brasis que coexistem, com suas belezas e contradições”



A pintura Aféfé, de Mariana Maia, é uma das obras que será exposta no Centro Cultural do Sesi

po, beleza, potência e uma história de corte. O próprio país nasce, simbolicamente, dessa árvore explorada desde o período colonial. A partir daí, pensamos a brasilina como uma metáfora da identidade brasileira: algo que existe no interior, mas que se revela e se transforma no encontro, nas tensões e nas relações.

Como foi a seleção das obras?

Esse pensamento de metáfora orientou a seleção das obras menos por uma ideia de representação literal do Brasil e mais pela capacidade de cada trabalho de provocar questões sobre quem somos. Buscamos produções capazes de falar de memória, ancestralidade, território, matéria, cultura, desigualdade, resistência e reinvenção, reunindo diferentes linguagens da arte e do design autoral. A exposição procura justamente escapar de uma imagem única ou estereotipada do país. O que nos interessa são os muitos Brasis que coexistem, com suas belezas e contradições, e a potência criativa que nasce dessa complexidade.

De que maneira os eixos Identidade, Natureza e Socie-

dade aproximam as produções dos artistas e designers participantes?

Os três eixos funcionam como campos de aproximação e não como categorias rígidas. Identidade, natureza e sociedade estão profundamente atravessadas umas pelas outras, assim como aconte-

ce na própria formação brasileira. Identidade nos permite pensar as múltiplas formas de ser, pertencer e reconhecer-se no Brasil, considerando memórias, ancestralidades e repertórios culturais. Natureza amplia esse olhar para a biodiversidade, os territórios, as matérias e para a relação — muitas vezes



A vagem, o espinho e a selva, de Cacá Hermeto, está exposta

tensa — entre o ser humano e o meio ambiente. Sociedade, por sua vez, coloca em perspectiva nossas relações, desigualdades, contrastes, afetos e transformações. Ao reunir 32 artistas e designers, queríamos que essas leituras não produzissem uma narrativa homogênea. Ao contrário: são perspectivas, técnicas, materiais e experiências distintas que se encontram e, juntas, revelam a impossibilidade de reduzir o Brasil a uma única definição. Há trabalhos que poderiam estar em mais de um eixo, e isso é muito significativo. A curadoria cria diálogos entre as obras para mostrar como questões individuais se tornam coletivas e como arte e design podem transformar matéria, cultura e experiência em formas de pensar o país.

Que reflexões “nação mãria” pretende despertar no público e quais são os próximos caminhos da exposição após Vitória?

A ideia de “nação mãria” propõe deslocar o olhar sobre o país. Em vez de uma noção de pátria associada apenas a símbolos oficiais, fronteiras ou discursos de poder, pensamos a mãria como terra-mãe: aquela que gera, nutre, acolhe e protege. É uma imagem ligada à terra, à natureza, às ancestralidades, aos afetos e também ao papel fundamental das mulheres na construção da vida social e cultural brasileira. Queremos perguntar que país herdamos, que país estamos produzindo e, sobretudo, que país desejamos construir coletivamente. Essa reflexão também aparece quando revisitamos simbolicamente o lema “Ordem e Progresso” e recuperamos o amor presente na formulação positivista original: amor como princípio, ordem como base e progresso como fim. Brasilina propõe essa regeneração simbólica — terra como corpo, cultura como cura, arte como fala.

Qual é a expectativa de vocês?

A exposição quer ser um espaço de encontro, contemplação e escuta, capaz de estimular o público a reconhecer nossa diversidade, nossas feridas e nossa potência de reinvenção. Vitória é o início dessa trajetória. A mostra inaugura no Centro Cultural Sesi e já nasce com a perspectiva de circular posteriormente por outras cidades brasileiras, ampliando esses diálogos e permitindo que novos territórios e públicos também se reconheçam, se confrontem e acrescentem outras camadas a essa ideia de Brasil. e sensibilidade.